

## Adilson Schieffer

Ele relaciona seu sucesso profissional à educação que teve quando criança, pois cresceu “em um ambiente muito legal que favorecia a criatividade”. Ele conta que gostava de ficar ao lado do pai, piloto de avião e mecânico, enquanto consertava peças em sua oficina, na cidade com pouco mais de 15 mil habitantes. São Manoel, interior de São Paulo. Ali tinha total liberdade para mexer em tudo e até para construir bonecos e carrinhos a partir de motores e rolamentos. “De um jeito lúdico descobri uma maneira diferente de ver a vida, que hoje imprimo no meu trabalho. Sou bastante versátil na forma como lido com os materiais e estou sempre renovando minha plasticidade”, revela.

Igualmente positiva foi à influência da mãe, bordadeira Dona Shirley, hoje com 85 anos, que o deixava fazer os desenhos a serem passados para o tecido, em papel-carbono. Assim, desde pequeno, ele adquiriu firmeza e domínio no traço, habilidades fundamentais para um pintor. Sobre seus primeiros contatos com a arte, Schieffer conta histórias divertidas: “Quando eu tinha quatro anos de idade, meus pais me surpreenderam com uma lata de tinta fresca e um pincel na mão, pintando os gatinhos de uma ninhada no quintal”

Contando com o apoio da Família, Schieffer sempre se sentiu naturalmente inclinado às artes e lutou contra o estereótipo, em sua opinião equivocada, de que o reconhecimento do trabalho dos artistas geralmente acontece postumamente. “Na adolescência, eu já ganhava meu dinheiro vendendo desenhos para os colegas e fazendo cartazes em datas comemorativas. Depois trabalhei fazendo outdoors para o cinema da cidade.”

Quando conheceu a serigrafia, em 1975, montou uma pequena firma onde criava seus próprios desenhos, aplicando em camisetas. “Nas férias, eu viajava para a praia com os amigos e vendia toda a produção.” Foi assim que pagou o curso noturno na Faculdade de Arte-Educação em Avaré/SP, para onde viajava de ônibus todos os finais de tarde e retornava depois da meia-noite por ser o curso superior mais próximo do município. Apesar das oportunidades que surgiram – ele chegou a atuar área de propaganda durante a campanha de um político local – o espírito aventureiro e a “paixão por uma menina de Campo Grande” fizeram com que deixasse aquela região em busca de uma nova vida.

Como tantos imigrantes que se mudaram para Mato Grosso do Sul trazendo diferentes vivências e influências culturais, Adilson Schieffer desembarcou em Campo Grande em dezembro de 1982. “Quando Cheguei, a primeira coisa que fiz foi me matricular no curso de Educação Artística da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Fiz parte da primeira turma”, recorda. Foi também nessa época, durante um passeio à Casa do Artesão, que teve o primeiro contato com o que chama de “o maior tesouro minha vida”: a iconografia dos índios Kadiwéu. Fascinado pelas cores, padronagens e símbolos, imediatamente começou a ler tudo o que encontrava sobre o assunto.

Assim nasceu a inspiração para as primeiras gravuras, ao mesmo tempo em que passou a ter contato com pessoas que teriam grande influência em sua carreira. Um deles foi o artista plástico Henrique Spengler. “A gente se conheceu por acaso, tomando café em um bar. Ele também estava cheio de ideias, pois acaba de chegar de São Paulo, onde havia concluído Educação Artística na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)”, lembra.

**Texto: Maria José Surita P de Almeida – Fonte: Vozes das Artes Plásticas**

Título: Flor do meu jardim II



Título: criança refrescando com tererê.

